

O Centro em perspectivas cidadinas:

relações entre as transformações urbanas no centro com as apropriações do espaço pela população LGBTQIAP+

Davi Silva Duarte (UNIFESP/BR)

Palavras-chave: Cidade; Centralidade; Sexualidade.¹

1. Introdução sobre centro e centralidade

a. olhar antropológico

O estudo das cidades na antropologia parte de uma especificidade da disciplina que é uma epistemologia movida pela desconstrução e construção de conceitos que emergem de maneira empírica, relacional e reflexiva do campo (Agier, 2015, p. 485). Dessa forma, em busca de construir a antropologia da cidade, Michel Agier e Michel De Certeau têm contribuições importantes. Inicialmente, Agier se preocupa em conferir plausibilidade à antropologia como uma das disciplinas que estudam a cidade como objeto. A abordagem etnográfica que é “micrológica” parece ser incompatível para compreender a cidade imensa e complexa, causando um obstáculo entre a antropologia e a cidade (2015, p. 485). Na sua elaboração, é o caráter “micrológico” da antropologia que torna possível a elaboração de uma antropologia da cidade que contribui para os estudos urbanos (2015, p. 485).

A cidade antropológica se diferencia da cidade do geógrafo, do urbanista e dos “experts da cidade” (2015, p. 486), apesar de estar em diálogo constante com elas, que constroem suas ideias de cidade baseadas em definições externas, administrativas, estatísticas, demográficas e afirma que há uma outra cidade a se descobrir: a cidade do ponto de vista do cidadão, suas relações, práticas e representações entre si e no espaço (2011, p. 32). Assim, a proposta da antropologia da cidade foca no nível da rua urbana na qual vivem os praticantes ordinários da cidade cujos corpos obedecem aos cheios e vazios do espaço urbano e não de longe, do alto, como se a cidade fosse observada do alto de um prédio (Certeau, 2007, p. 171). Observar e construir a cidade pela prática dos cidadãos é levar em conta que o praticante está sujeito à “estratégia”, sistema urbanístico que pode administrar e suprimir tais práticas por meio de seus dispositivos regulatórios. Além disso, é levar em conta a possibilidade dos praticantes escaparem à disciplina e produzirem espaços, circuitos, trajetos e usos não “pensados” pelo desenho urbanístico.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

Observar-se, assim, que, diante das “estratégias”, os cidadãos podem produzir “táticas”, formas heterogêneas e imprevisíveis de habitar o espaço urbano onde o poder, a “estratégia”, está ausente. Essas “táticas” constituem o “vernacular” (Zukin, 2000, p. 106), construção de edifícios e de relações sociais desenvolvidas pelos “desprovidos de poder” que implicam uma reapropriação e requalificação dos espaços urbanos (Leite, 2002, p. 122). Nesse sentido, as “táticas vernaculares” constituem o que Rogerio Proença Leite chama de “contra-usos” da cidade, pois é um uso do que subverte e separa o espaço “estratégico” ressignificando seu sentido (Certeau, 2007, p. 175; Leite, 2002).

Bruno Puccinelli e Ramon Pereira dos Reis (2020), a partir da antropologia urbana, questionaram as ideias de centralidade e periferia urbanas como algo estanque, como presente em algumas propostas². Um exemplo oferecido para questionar foi: a favela do moinho entre a estação Júlio Prestes e Barra Funda do metrô e a “cracolândia” no bairro da Luz, áreas distantes daquilo que caracterizam os centros e mais próximos de “bolsões de pobreza” e crime, formas que costumam ser referidas à periferia. Assim, perguntam eles, (Puccinelli e Reis, 2020, p. 12) “seriam estes ‘periferias’ incrustadas no ‘centro’? Espécies de ‘periferias centrais/centros periféricos’?”.

A noção de centro está em contraposição à noção de periferia, porém, essa polarização não pode ser estabelecida apenas nos moldes geográficos, um distante do outro espacialmente. Se os marcadores sociais da diferença forem considerados para compreender a cidade, é necessário repensar as definições geográficas fixas, como os autores sugerem. Tomando a contribuição de Néstor Perlongher (1987), Puccinelli e Reis pensam que os territórios podem ser interpretados de diversas maneiras a partir dos deslocamentos, trânsitos e relações que se estabelecem nos espaços da cidade. O clássico trabalho de Perlongher mostrou um trânsito entre a ideia de “centro” e “periferia”, categorias produzidas a partir da relação dos michês com o espaço. Os michês realizavam suas atividades na região da República, no “centro” de São Paulo, e suas dinâmicas produziam “centralidades” e “periferias” na cidade, lidas a partir do marcador da sexualidade. Observando a cidade por meio da sexualidade como o marcador social da diferença é interessante notar as diversas centralidades e periferias que a região central de São Paulo possui para aqueles que compartilham esse marcador e, além disso, como dinâmicas econômicas, políticas e urbanas mais amplas têm transformado em usos e contra-usos do espaço urbano a prática urbana a partir da sexualidade.

² Os trabalhos de Ebenezer Howard, Ernest Burgess, Walter Christaller e Lasch, Lefebvre podem ser referidos como propostas que tomam o centro e/ou centralidade como coisas “dadas” inerentes ao processo urbano.

b. Centro e Centralidade em São Paulo

Até final do século XIX, o centro, em torno do “triângulo histórico” (Largo da Nossa Senhora do Carmo, Largo de São Francisco, Largo de São Bento) era predominantemente um espaço de consumo, comércio e negócio das elites (Frúgoli Jr, 2000, p. 49). A elite expandiu sua influência por meio da combinação de interesses da elite e do poder municipal que dirigiram este projeto, fazendo intervenções de grande porte, como a construção do Theatro Municipal, o Viaduto do Chá, a Loja Mappin Stores em frente do Theatro Municipal, a Biblioteca Municipal (Villaça, 2001, p. 264), para além do triângulo histórico, sentido República, Vila Buarque e Santa Cecília. As regiões das Ruas da Glória, Carmo e Liberdade, até então povoadas pela elite, foram simultaneamente abandonadas por ela e ocupadas por camadas de renda mais baixa (2001, p. 263).

No final dos anos 1950, esse processo de bipartição do centro estava claramente realizado. Do lado voltado para o vetor sudoeste se formou o centro das elites com os comércios e escritórios direcionados no atendimento de suas demandas conhecido como “Centro Novo”. Do lado de “cá” do Anhangabaú se formou o centro das camadas populares sendo denominados de “Centro Velho” (Villaça, 2001, p. 264, 265). A década de 1960 evidenciou um novo deslocamento da elite paulistana rumo à região da avenida Paulista e rua Augusta. Inicia-se, segundo Frúgoli Jr (2000), uma transformação em direção a uma cidade multipolar. No entanto, essa formação de centralidade foi distinta das anteriores por se organizar de forma atomizada, fragmentada e especializada, representando um centro disperso enquanto o centro antigo era compacto (Villaça, 2001, p. 266). Na década de 1990, a dispersão da centralidade consolidou-se em torno da Avenida Luiz Carlos Berrini, seguindo a direção sudoeste da cidade, por meio da concentração das atividades no ramo empresarial, formou-se uma outra centralidade em São Paulo (Frúgoli Jr, 2000). A criação dessa nova centralidade foi realizada por meio de remoções de favelas realizadas pela Prefeitura em união com um conjunto de empresários, processo descrito pela Urbanista Mariana Fix (Fix, 2001, p. 32).

Devido aos deslocamentos e criações de centralidades fora do Centro Tradicional, houve um processo de perda de qualidade de serviços públicos, abandono de edifícios devido ao esvaziamento de parte da elite e de parte das empresas na região central. Ao mesmo tempo, esse centro passou por um processo de popularização (Frúgoli Jr, 2000). Para Villaça, as transformações que ocorreram no centro e que são denominadas como “deteriorações”,

“decadências” ou “degradação” são consequência do abandono do centro pelas elites (2001, p. 274) e em sua tomada pelas classes populares (2001, p. 277).

2. Permanência e Dispersão: a produção de territorialidades dentro de grandes processos

Diante do panorama histórico sobre a constituição do centro de São Paulo bem como a sua dispersão em outras centralidades, podemos investigar, dentro desses processos maiores, a constituição de territorialidades que se fundaram tendo a sexualidade como principal marcador de aglutinação. Ora ocupando os espaços “vazios”, abandonados pelas elites e pelo poder público no Centro, ora obedecendo o circuito urbano das elites e do capital, ocupando as novas centralidades ou “retornando/revitalizando/requalificando” a antiga. Nesse sentido, o trabalho busca aproximar dois campos de pesquisa: a antropologia urbana e os estudos de sexualidade em São Paulo. Partindo da antropologia urbana a fim de observar as territorialidades produzidas em relação a trajetória das centralidades, as pesquisas dentro dos estudos de sexualidade serão observadas com o objetivo de relacionar as diversas apropriações espaciais que hoje chamamos de LGBTQIAP+ com a produção cidadina da cidade. Sendo assim, observo três momentos, o primeiro foi o de permanência no centro ocupando o “vazio” do capital e do Estado, o segundo foi a dispersão além centro constituiu usos da cidade em convergência à dispersão das elites, do capital e da centralidade. O terceiro, mais recente, é o processo que chamo de retorno tenso, pois observa que o atual movimento de revalorização do Centro de São Paulo tem possibilitado novas apropriações LGBTQIAP+ com práticas, gostos e características que divergem com a apropriação historicamente construída na região, por isso, gerando novas tensões e contra-usos de novos espaços.

a. Permanência: a Mancha da República

A presença não-heterossexual na região de pesquisa é antiga e pode ser reconhecida desde as primeiras décadas do século XX. O geógrafo Caio de Giovani (2018), com o objetivo organizar os dados sobre as territorializações LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo, dividiu-as em seis períodos: 1900-1945; 1945-1969; 1969-1983; 1983-1999; 1999-2012; 2012-2018. Conforme apontado por Néstor Perlongher (1987), a partir de perseguições policiais, outros espaços no Centro deixam de ser frequentados por, majoritariamente, homens homossexuais e a Avenida Vieira de Carvalho junto ao Largo do Arouche passam a concentrar o espaço de sociabilidade homoafetiva na década de no final da década de 1970 (Perlongher, 1987). É esse espaço que se consolidou como a primeira “Mancha do Centro”.

O abandono do pela Elite provocou a “deterioração” do Centro, a apropriação da Região da Vieira de Carvalho intensificou esse processo na própria região com a constituição da “Boca do Lixo” e a “Boca do Luxo”, diferentes estéticas e formas de expressão, com diversas relações de “raça” e a classe responsáveis por formas de uso e apropriações do espaço distintas produzindo centralidades e periferias homossexuais dentro da região. Nesse sentido, podemos relacionar o processo de abandono do centro pelas elites com a criação da primeira “Mancha” homossexual masculina da cidade que surgiu no “vazio” do capital e permaneceu no centro, ao invés de seguir o circuito do capital.

A região da República, envolvendo sua praça e o Largo do Arouche, é identificada desde a década de 1920 e 1930 como uma região de certa sociabilidade homossexual que envolvia o Vale do Anhangabaú e a Praça da República (França, 2006, p. 42). Tal espaço se tornou área reconhecidamente permeada pela presença homossexual durante o século XX. Foi palco da primeira ostensiva gay na cidade no final dos anos 1970, constituindo-se como um espaço importante para discutir a presença no centro (Simões *et al.*, 2010, p. 44). Na década de 1980, provavelmente pelo surgimento da Aids e as consequências que dela surgiram, essa região perdeu a presença desse público. Todavia, em meados de 1990 voltou a ser mais frequentada, tornando no século XXI uma grande “mancha popular” no centro da cidade marcada pela frequência da população LGBTQIAP+, principalmente dos homens homossexuais (2006, p. 42).

A mancha do Centro Antigo foi marcada, principalmente, pela Praça da República, Avenida Vieira de Carvalho e suas adjacências como Rua Aurora, Rua Vitória, Rua Rego Freitas, Rua Marquês de Araújo, Avenida São João e Avenida Ipiranga, entre outras. A Avenida Vieira de Carvalho se situa entre a Praça da República e o Largo do Arouche e contém três quadras em forma de *boulevard* cortado pelas ruas Aurora e Vitória, um lugar privilegiado em relação à mobilidade urbana devido às linhas de ônibus e à estação República do metrô que envolvem a avenida.

A Vieira e seu entorno, na época do texto de Simões *et al.*, conforme os autores relatam, continha um comércio variado que atuava durante o dia e a noite favorecendo à criação de pontos de lazer e sociabilidade. A “cena gay” (Simões *et al.*, 2010) da região abarcava mais do que estritamente pontos gays, contém também áreas de prostituição de garotas e travestis, pontos de tráfico de drogas ilícitas, boates de prostituição de garotas, casas de strip-tease e sexo explícito, danceterias, saunas, cinemas ao público homossexual, sex shoppings, lan

houses, bares, ruas e praças públicas onde ocorrem a paquera e a “caçada” (Simões *et al*, 2010, p. 50).

Em seus trabalhos de campo, Simões *et al*. (2010) perceberam algumas diferenças entre os bairros da Vila. No primeiro bairro da rua, sentido Lg. do Arouche, observaram que a sociabilidade nos bares era marcada por homens mais velhos cercado por rapazes mais jovens. No segundo bairro da rua e até o final, identificaram que a sociabilidade era marcada por frequentadores jovens, com uma parcela significativa de negros e “mestiços”, que performam uma ação corporal tida como mais “feminina” com suas calças e camisetas justas, percebido também pelo trabalho de campo de Ronaldo Trindade (2004). Nessa área também, conforme os autores (Simões *et al*, 2010), encontrava-se mais travestis, *drag-queens* e “michês”/garotos de programa, além dos “ocós” — rapazes que aparentam virilidade, às vezes mal vestidos e agressivos — que são confundidos com os michês quando ocorre algum roubo, furto ou violência na rua. Há nessa região alguns pontos de comércio de drogas ilícitas (Simões *et al*, 2010). De acordo com os autores, na quadra final, incluindo o Largo do Arouche, era um espaço de sociabilidade frequentado por casais heterossexuais e grupos de amigos na chamada “Praia do Arouche”, que se denomina o conjunto de bares em volta do Largo. Apesar disso, havia estabelecimentos — alguns ainda em atividade — espalhados pelo Arouche que se direcionam para o público gay como as saunas, boates, clubes de sexo e bares. (Simões, 2010, p. 51).

A combinação de determinados itens vestimentas fortaleceram as diferentes estéticas gays formando “tipos ideais”. Na pesquisa, Simões *et al*. (2010) observaram que, de um lado, o uso de boné, camiseta, regata justa, bermudão ou jeans, ser alto e musculoso, *performar* o que se tradicionalmente se adequa como gênero masculino e a cor de pele escura formam o “negão”, objeto de desejo erótico com grande expectativa. Do outro, a cor da pele pode levar à outra estigmatização oposta, a da “bicha-preta”, associada à dança, irracionalidade e emoção. Durante o campo, Pedro explicitou a discriminação que sofre dentro da cena gay por sua cor/raça geralmente associada à qualidades negativas como cheiro ruim, pele grossa, suados. Nesse quadro, o gay de pele escura que não se encaixa na figura do “negão” ocupa a posição mais desconfortável (Simões *et al*., 2010).

O quadro não encerra porosidades dentro da cena. Ao frequentar o antigo Clube de Samba GLS, Simões *et al* (2010) conheceram Tuca, próximo à figura da “bicha-preta”, e Rodrigo, próximo ao “negão”, que revelaram sentimentos não esperados pelo lugar que ocupam na

hierarquia. Observaram que o lugar de “bicha-preta” para Tuca era confortável e possibilitava interações e acessos privilegiados. Rodrigo, porém, revelou a dificuldade e um deslocamento social da cena por ser “negão”, pois, frequentemente, era objeto de desejo e não de sociabilidade fraterna (Simões *et al*, 2010, p. 61). Compreende-se, portanto, que, embora certas categorias são mais positivas como a do “Negão” ou mais negativas como a da “bicha-preta”, os sujeitos interiorizaram de tal forma que podem escapar ao que comumente é valorado no campo.

A mancha, notaram, também engloba os “ursos”, (França, 2006, p. 55) “homossexuais que compartilham códigos de masculinidade, como o uso de cores sóbrias no modo de vestir-se, e o cultivo de barbas e bigodes, além da crítica aos corpos de músculos altamente definidos”. De acordo França, (2006), eles utilizavam uma marca de roupa exclusiva, marcavam cervejadas, eram ativos nas programações e cultivavam símbolos próprios como a bandeira “bear”, na internet utilizavam os emojis de urso e, atualmente, estão em atividades na avenida, sendo o Bar Soda Pop³ identificado como bar “bear”

Conforme as entrevistas realizadas por Simões, França e Macedo (2010, p. 51), a Vieira foi considerada como espaço da diversidade e da convivência positiva e harmônica entre os cidadãos, ela era vista como “democrática” onde “não tem preconceito” (p. 51), espaço que há menos pressão para se limitar à padrões de comportamentos, até comportamentos mais valorizados na cena gay, sendo um espaço mais “confortável” (Guimarães e Calixto, 2012). Em relação à proteção, possuía uma convivência mais segura e harmoniosa, vale mencionar a presença de “famílias” nessa mancha, identificadas por Eros Guimarães por Maria Calixto (2012). Não são famílias estabelecidas por laços sanguíneos, são mais subgrupos que reúnem pessoas com funções parecidas com as do pai, da mãe e dos avós (2011, p. 8). As famílias serviriam para proteger cada integrante de possíveis agressões, assaltos e outros males que estão vulneráveis na região (Guimarães e Calixto, 2012)

b. Dispersão para os Jardins

A expansão da circuito homossexual pela cidade se direcionou no eixo Paulista-Jardins seguindo a expansão das elites e, conseqüentemente, da centralidade em São Paulo (Trindade, 2004). Conforme França desenvolveu (2006), foi apenas na década de 1990 que nota-se a dispersão do circuito homossexual masculino com a criação da “Mancha dos Jardins”. Tal movimento significou uma diversificação e não somente expansão, visto que foi marcada

³ sobre o bar localizado na Av. Vieira de Carvalho:: <https://www.instagram.com/sodapopbar/>

pela existência de uma cultura de consumo baseado em um mercado “GLS” direcionada àqueles que se conformaram a um padrão de consumo específico ligado à “cultura gay globalizada” (França, 2006). Em busca de uma definição geográfica dessa mancha, Trindade (2004) partiu da consideração de Antonio Sérgio Spagnol que delimitou os Jardins como um quadrilátero que tem como perímetro a Av. Paulista, a Av. Brigadeiro Luís Antônio, a Rua Consolação e a Rua Estados Unidos.

De acordo com a pesquisa de Trindade (2004), os usos do espaço nos Jardins foi mais aberto e as boates eram menos sigilosas com suas paredes transparentes e mesas nas calçadas implicando em uma sociabilidade gay na qual a divisão entre o espaço interno e externo dos estabelecimentos era “borrada”. Diferente de um uso do espaço mais secreto e sigiloso com uma exposição não desejada pelos “outros” como no Centro Antigo, ser visto por alguém parecia ser desejável na mancha que se criava nos Jardins (França, 2010). A comunidade mais ativa na cena noturna, a partir disso passou a frequentar ambientes mais diferentes, públicos e durante o dia como *Shoppings Centers*, cinema, academias (Trindade, 2004).

A mancha dos Jardins em sua diferenciação da mancha do Centro Antigo se destinou a um público específico. Tal especificidade seguia a situação do próprio bairro, sendo os Jardins uma área historicamente nobre, o uso e transformação daquele espaço pelo mercado direcionado aos “gays” continha um critério de classe bem definido, o que se revelava na estética e no consumo. Somou-se a isso um esforço de desassociar o caráter marginal da homossexualidade, movido pelo capital de grandes empresários (França, 2010). O esforço aliado ao capital buscou se afastar dos tipos de estabelecimentos mais comuns do Centro na época, como os famosos cinemas, sex shops e, os poucos que existiam eram direcionados ao público mais elitizado. Os pontos de prostituição de travestis e michês eram baixos em relação à República. Todavia, possuíam outros espaços destinados a tais práticas, casas que tinham boates, pistas de dança e bar, e, além disso, quartos para as atividades sexuais com uma estrutura específica, conforme pesquisado por França (2006, p. 52).

As características dessa nova mancha se assemelham ao processo em curso na região da Paulista e dos Jardins, a expansão da centralidade em São Paulo foi marcada pela exclusão social, fundamentada pelo investimento público que favoreceu e criou uma centralidade para as elites paulistanas (Frúgoli, 2000, p. 41). Nesse sentido, a população gay que passa a frequentar a região e a produzir novas territorialidades gays, em contraposição à mancha da República, se alinhavou ao gosto da elite ali estabelecida, aderindo aos padrões de estética,

consumo, roupas e estilo de vida do “norte global” criando uma “cultura gay globalizada” (França, 2006, p. 49, 50). A especificidade de *quem* frequentava essa mancha tecia um significado importante de tal modo que um empresário entrevistado por França afirmou que a popularização (frequentação de outras classes sociais) da mancha, em específico a Rua da Consolação, foi a razão de sua ruína levando os que se constituíam dentro do quadro da “cultura gay globalizada” a se deslocarem para zona oeste da cidade (França, 2010, p. 61).

Com base nesses trabalhos, é possível tecer algumas análises sobre esse movimento da virada da virada do século XX para o XXI em relação às duas manchas, o Centro e os Jardins. Um relato de campo que França descreve na nota de rodapé oferece um interessante início. Após participar de uma festa adequada aos padrões da “cultura gay globalizada” nos Jardins, França pegou um táxi em direção a outra festa no Centro Antigo. O taxista elogiou bastante o público da festa nos Jardins, eram educados, não davam problemas, pagavam direito, afirmava o taxista (2006, p. 54). Ao chegar ao Centro Antigo, a pesquisadora percebeu que sua opinião mudou, o taxista se referia aos “entendidos” que estavam na rua como “boiolinhas” e precisavam trabalhar duro, pegando na enxada (França, 2006, p. 54).

O relato de campo descrito por França se relaciona profundamente com o que Trindade observou em sua pesquisa:

Os freqüentadores do Jardins, na medida em que se tornavam os representantes da “boa homossexualidade” foram se diferenciando no cotidiano dos freqüentadores do centro por características sociais que passaram a se impor como um tipo de fronteira imaginária. Para muitos dos habitues dessa região, não era de bom tom freqüentar os bares e boates do centro, o que significaria, em alguma escala ser uma bicha do centro. (Trindade, 2004, p. 73)

Ao utilizar a noção de “mancha” para observar as mudanças e fragmentações na centralidade gay paulistana, foi possível compreender que em relação à mancha no centro, os Jardins configurou-se estruturalmente em uma posição oposta que se dirigiu à um público “global”, permeados pela classe e raça, como marcadores da diferença, visibilizando relações de poder que empurraram os “indesejados” para os espaços de menor prestígio social e, de outro lado, levaram a mancha dos Jardins para a Zona Oeste da cidade, diferenciando-se ainda mais geograficamente dos outros (França, 2006, p. 56). Apesar disso, um movimento de retorno ao centro se iniciou nos anos 2000.

c. Retorno tenso

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, a reconstrução, a reformulação e a renovação foram conceitos muito presentes em relação aos espaços urbanos (Harvey, 1998, p. 66). No entanto, com a mudança no regime de acumulação do sistema capitalista que migrou do fordismo para o regime de acumulação flexível, novas formas de reconstrução, reformulação e renovação, isto é, intervenções urbanas em espaços tido como “deteriorados”, estão em curso. Contudo, se a intervenção do pós-segunda Guerra era mais abrangente e macroestrutural, ligada ao urbanismo modernista, as intervenções urbanas no período do regime de acumulação flexível, surgida nos anos 70, têm outras características (Frúgoli Jr, 2000, p. 21).

Diante de um cenário de desconcentração de indústrias ou desindustrialização, essas intervenções, que ocorrem da parceria do Estado Neoliberal com o mercado privado (Zukin, 2000, p. 108) propõem uma transformação do espaço que favorece o mercado, isto é, centros financeiros, de consumo e entretenimento (Frúgoli Jr, 2000, p. 21). Essas “paisagens de poder” (Zukin, 2000) se consolidam “revitalizando”, em muitos casos, áreas centrais resgatando uma narrativa sobre o espaço que o torne importante novamente e recebe atenção e frequência — no entanto, Zukin (2000, p. 110) afirma que impor uma narrativa ao espaço presume um conflito com outras narrativas e, assim, possíveis pagamentos. Dessa forma, criam-se ou resgatam galerias de arte, restaurantes, cinemas entre outras instituições culturais que geram um retorno do mercado imobiliário que assume a linguagem “necessária” a fim de se estabelecer na região (Zukin, 2000, p. 108). Tal processo gera um “enobrecimento” (Zukin, 2000) da região e áreas centrais ocupadas por diversas classes sociais passam a serem ocupadas majoritariamente por classes médias e altas, expulsando os “outros”. A gestão da cidade e de determinados espaços públicos se tornam cada vez mais geridos por organizações privadas (Frúgoli Jr, 2000, p. 24).

As intervenções urbanas dessa lógica estão transformando a região central de São Paulo, uma intervenção que ilustra recentemente esse processo foi a reforma do Vale do Anhangabaú discutida por Giancarlo Machado (2022), embora as intervenções estejam em ação há um bom tempo. A criação de uma nova centralidade para a população homossexual masculina, pesquisada Bruno Puccinelli, na Rua Frei Caneca, na região da Augusta, pode ser lida em relação a essa nova etapa das cidades contemporâneas.

Essa ocupação se iniciou no começo do século XXI, demonstrando uma outra expansão do circuito homossexual na cidade de São Paulo que, ao invés de direcionar para além centro, formou um elo geográfico entre os Jardins e o Centro Antigo. A região da Frei Caneca, na década de 1960 e 70, foi marcada por importantes alterações urbanas. Ao se referir à região da Frei Caneca é incluída sua paralela: a Rua Augusta. Um dos principais símbolos da cidade, a Rua Augusta foi marcada nesse período pela evasão significativa de suas lojas para o Shopping Iguatemi, na região sudoeste da cidade. A parte mais próximo ao Centro, entre a Paulista e a Praça Roosevelt passou por um processo de “decadência”: perda do comércio, surgimento das casas de prostituição, recebendo adjetivos negativos que são possíveis de perceber até o momento, embora a rua tenha se transformado profundamente, pelo menos, nas últimas duas décadas (Puccinelli, 2013, p. 22).

Desde o final dos anos 1990 havia uma presença gay na região, sendo a inauguração da casa noturna A Lôca em 1997 um dos marcos desse início. A virada do século marcou a mudança do discurso de rua pacata, principalmente, devido aos empreendimentos imobiliários, residenciais e comerciais surgindo na rua, sendo o Shopping & Convention Center Frei Caneca, inaugurado em 2001, um dos mais importantes empreendimentos da rua. Com a chegada do Shopping, da militância LGBTQIAP+ dentro dele e da proposta de torná-la uma “rua gay”, essa presença se intensificou (Puccinelli, 2013, p. 24). Os empreendimentos mobilizaram o que Puccinelli colocou como “desejos de centro” (2013). Se nos estudos urbanos, algumas pesquisas como de Teresa Caldeira (2003) e Heitor Frúgoli Jr. (2000) observaram uma fuga do centro tradicional de São Paulo pela elite paulistana rumo ao vetor sudoeste da cidade, buscando segurança, sossego e calma, nas décadas de 1960 e 1990. O que Puccinelli observou nas últimas duas décadas é um aumento de moradias que visam e anseiam o Centro e fazem dele a maior propaganda de seu negócio. As propagandas ressaltam a facilidade de morar no centro, à proximidade de espaços culturais e históricos da cidade e o estilo de vida cosmopolita, tal processo não se limitou às pesquisas de Puccinelli e foi também visto mais recentemente na dissertação de Maurício Alcântara (Alcântara, 2019).

A expansão na década de 1990 para os Jardins se relacionou a uma certa “separação” do Centro e da homossexualidade mais comumente exercida ali, ao “descer” a Frei Caneca uma nova possibilidade de análise se abriu e, ao longo dos anos 2010, se instituiu um retorno ao Centro. Todavia, ressalta-se que durante esse período de afastamento do Centro, este não deixou de existir como centralidade dentro do circuito homossexual/LGBTQIAP+. A Frei Caneca que tomou para seu espaço o título de Centro gay se formou na diferenciação do

“Centro Gay Antigo” (no Centro Histórico) e não na continuidade, semelhante ao ocorrido nos Jardins. Assim, é possível pensar em uma expansão diversificada do Centro da cidade a partir da comunidade homossexual/LGBTQIAP+. No entanto, a transformação do Centro não terminou na Rua Frei Caneca. Observa-se nas pesquisas a captação de um fenômeno que ainda segue em curso, pois a continuidade da “centralidade” criada na Frei Caneca sentido ao Centro Antigo seguiu em direção ao Baixo Augusta, passando pela República e chegando no Largo de São Bento e de São Francisco, do “lado de lá” do Centro.

3. Retorno e Tensão: o centro em transformação, territorialidades em tensão e novas territorialidades no circuito LGBT+

A política de “guerra às drogas” com o surgimento da cracolândia nos anos 90, os refugiados e imigrantes, a grande quantidade de moradores de rua, os assaltos e as questões de segurança têm cercado o centro de discursos totalizantes que não representam a totalidade e não fazem jus à vida que existe ali, contribuindo para a visão de que o Centro Histórico seja visto como uma *no-go area* (ALCÂNTARA, 2019, p. 13). Os agentes econômicos e políticos têm realizado e buscado por meio de ações na região atrair moradores para o centro, isso se relaciona ao crescimento pelo centro de São Paulo de um segmento jovem das camadas médias e altas (ALCÂNTARA, 2019). Essa nova desejabilidade pelo centro pode ser compreendida por um processo global de revalorização dos centros anteriormente explicado.

A divisão de classe social dentro da população homossexual masculina foi territorializada, de um lado, na mancha dos Jardins — “Gay Rico” — e, de outro, na mancha do Centro Antigo — “Gay Pobre” — até o final dos anos 1990. Como indica Giovani (2018), o retorno ao centro pela Frei Caneca e Augusta no início do século pelo mercado imobiliário e por uma juventude de classe média (Alcântara, 2019; Giovani, 2018), movimento ainda pequeno neste período, fizeram com que a divisão de classe, que estava posta distante geograficamente, se aproximasse. O resultado desse movimento foi uma nova disputa pelo “Baixo Augusta” e pela República devido aos diferentes interesses dos “Gays Ricos” e “Gays Pobres” constituindo territorialidades cada vez mais próximas, por isso denomino esse fenômeno de um “retorno tenso”.

Não se sabe quando o termo “Baixo Augusta” começou a ser utilizado. No entanto, faz parte de uma construção não esteve influenciada pela presença de grupos como os *straight edges*⁴

⁴ Para maior profundidade no tema ver o capítulo “Straight Edge e suas relações na cidade” de Bruna Mantese de Souza dentro do livro “Jovens na Metrópole” (2007) organizado pela própria autora do capítulo e José Guilherme Magnani.

ou de casas noturnas como d'A Lôca, ali desde os anos 1990, sendo responsáveis pela “negatividade” da Augusta. O nascimento do “Baixo Augusta” esteve muito mais relacionado aos discursos de alguns poucos empresários que são responsáveis pelos empreendimentos na região, aglutinando ao “Baixo Augusta” a noção de diversidade. Evidenciou-se, conforme Puccinelli (2017), uma tentativa de conferir outras adjetivações à região em busca de atrair moradores e frequentadores que se encaixassem no padrão que os empreendimentos pedem.

A região, como discutido anteriormente, foi historicamente frequentada por homossexuais e travestis desde a década de 50, porém, por parte dos *gays* da Frei Caneca e Augusta eram alvos de estigmas. A República era associada à “bicha-pobre”, ao assalto, à sujeira, à doença. Porém, em busca da valorização do Centro, o empresário Douglas Drumond transferiu seu estabelecimento para o Largo do Arouche com o discurso positivo para a região, afirmando que ali era a região gay de São Paulo. Nesse sentido, por volta dos anos 2010, durante a consolidação da “Baixo Augusta” como espaço de convivência diversa, a República se tornou e tem se tornado alvo do mercado *gay* (Puccinelli, 2017, p. 71).

O mercado imobiliário e comercial que se direcionou ao centro elaborou um tipo de narrativa sobre a República que inventou um “centro” propício aos seus investimentos. Semelhante ao que aconteceu na Augusta, o mercado imobiliário articulou discursos relacionados às noções de “viver no centro” ou “viver o centro”. Ao invés de ressaltar a desvalorização do centro, a insegurança e a “falta de vida”, direcionaram o discurso valorizando os espaços culturais e de lazer, como o Theatro Municipal, o Vale do Anhangabaú, a Praça da República, a Praça Roosevelt e entre outros. A facilidade de viver no centro por conta da grande oferta de transporte público, o estilo de vida alternativo que foge da utilização de automóveis e valoriza a circulação à pé ou o uso de bicicletas. Seus empreendimentos também contavam com uma adequação aos solteiros ou divorciados, faziam referência a relacionamentos homossexuais em suas propagandas, algo “aberto”, “contemporâneo”, ligado à “diversidade”. Além do mercado imobiliário, é comum observar os estabelecimentos utilizando o centro como parte de sua propaganda. Portanto, consequentemente à “descida” para o centro, o seu estigma historicamente recebido sofreu uma transformação sob o discurso de trazer segurança, lazer e vida para a região (Puccinelli, 2017).

A descida homossexual/LGBTQIAP+ para o centro e seu espraiamento geraram transformações espaciais, novos consumos e outros frequentadores na mancha do Centro Antigo que historicamente marcada foi por uma presença mais periférica, pobre e negra em

relação às outras manchas. Sendo assim, não é possível compreender essa região da mesma forma que nos anos 1990 até o início do século. O movimento em curso principalmente após os anos 2010 provoca novas leituras sobre essa territorialidade LGBTQIAP+. A dissertação de Isaac Silva (2022) e o trabalho de Caio de Giovani (2018) contribuem para compreender o fenômeno em curso.

Giovani (2018) enquadrrou a transformação imobiliária na região do Baixo Augusta e República como *gentrificação*, apesar de pensar se faz sentido afirmar se a região tem sido gentrificada, discussão feita por Maurício Alcântara (2019). A transformação presente vai além da população LGBTQIAP+ e diz respeito a uma processo maior de transformação urbana e populacional do centro, porém, colocou novas tensões entre duas partes da população homossexual/LGBTQIAP+ da cidade. De um lado, os que retornam ao centro são mais adequados à estética e práticas globalizada influenciadas pelo mercado que desenvolve uma rede de consumo que se apropria de pautas progressistas acessíveis àqueles com certo capital econômico e alto capital cultural (Alcântara, 2023, p. 88). Por outro lado, os gays, prostitutas e travestis de baixa renda, com maior presença negra e periférica que permaneceram na Avenida Vieira de Carvalho enquanto a elite, o mercado e o Estado abandonaram o Centro, podem ser expulsos ou perder sua influência na região por não se adequarem às estética e práticas dos novos frequentadores. Nessa perspectiva, podem se tornar um entrave para o processo de “revitalização do centro” assumido pelos empresários junto com o Poder Público, visto que, de acordo com Giovani, a *gentrification* ignora a pluralidade e se preocupa na atração daqueles que podem economicamente usufruir dos novos estabelecimentos (Giovani, 2018).

Além da transformação ocorrida na região da República, o uso e a consequente produção da cidade pela população LGBTQIAP+ tem inventado outras formas de ocupar o centro e em outras localidades. Pelo menos, três pesquisas mais recentes se dedicaram a entender etnograficamente esses movimentos. São elas: a tese de Gibran Teixeira Braga (2017); a dissertação de Lais Borges (2021) e a dissertação de Bruno Nzinga Ribeiro (2021) que analisou a emergência de uma cena preta LGBTQIAP+.

Conforme Braga (2017), o auge da festa de rua durou até 2015, desde então passou a perder o protagonismo frente à expansão das festas *clubbers*, caracterizadas por conectar as festas independentes frequentadas pelo público gay e as festas de música eletrônica. Desse modo, são promovidas para as festas os marcadores sociais da diferença e desigualdade, além de

haver um esforço para a diminuição de uma hegemonia branca, cisgênero do desequilíbrio entre homens e mulheres nos eventos (Braga, 2017). Esse projeto não se destinou aos participantes da festa apenas, ele promoveu uma escolha musical específica para a festa: a música eletrônica underground, apegando-se à história dessa cena musical por causa de seu estreitamento histórico com as minorias (2017).

O duplo movimento das festas — a busca por representatividades de raças, gêneros e sexualidades, e a utilização da música eletrônica como parte das festas — seguia-se de uma defesa de que isso era um antídoto contra a “mainstreamização da cena”, pois o crescimento das festas atraíram uma população heterossexual e mais “convencional”, conhecidos como playboys e patricinhas (Braga, 2017), uma das atitudes para manter a diversificação nas festas foi a criação de uma “lista trans” (2017). A utilização da música eletrônica por parte dos produtores das festas foi uma forma de se distanciar do som consagrado pela indústria musical internacional, como o pop e o rock, pois a música eletrônica foi um dos símbolos da cena *underground*, representando as minorias da cena ligada à indústria musical.

Desde 2014, segundo Braga (2017), em paralelo às festas de ruas se iniciou um movimento de ocupar espaços alternativos como antigas fábricas, oficinas, inferninhos, clubes de sexo, cinemas pornô, garagens. Uma parte significativa das festas que surgiram ocorriam no eixo Roosevelt-República e algumas passaram a utilizar outros espaços do centro, como o Porão da “Sanfran”⁵. Esse movimento representa uma expansão espacial do circuito LGBTQIAP+ no Centro junto a um processo de produção de usos mais temporários ligados à raça e à classe, além da sexualidade, podendo ser associada à diferenciação ao atual processo na região da República. Algumas das festas foram: a DSviantes, a Estranha, a PopPornParty, a Kevin, a ODD e a Dando. Diferentes formas de festa surgiram, sendo umas com um espaço mais aberto para o sexo explícito e outras em busca de mais sociabilidade e menos explicitéz, no entanto, com a proposta semelhante que, ao longo do tempo, enfrentou tensões devido às aproximações de marcas, empresas e dos meios de comunicação nas festas causando um tremor na dicotomia *underground/mainstream* (2017).

Dentro dessa “cena” maior, Bruno Ribeiro (2021) observou a emergência de uma “cena preta LGBTQIAP+”. Por cena, ele parte da mesma ideia de Braga, (Ribeiro, 2021, p. 56) “um universo de circulação de referências e práticas que coexistem e se fazem articuladas a diferenças nesta pesquisa, mais particularmente, as diferenças de raça, classe, gênero e

⁵ Sanfran é uma forma de se referir à Faculdade de Direito da USP no Largo do São Francisco.

sexualidade.”. Nesse caso, um projeto que articulava a população preta, periférica e LGBTQIAP+. O nascedouro do movimento foi a grande efervescência política no início da década de 2010 que, diante da mobilização política de vários grupos, abriu-se o espaço para que travestis e homossexuais negros comessem a organizar festas a fim de criar uma cena que respondesse ao racismo, à LGBTQIAP+fobia e às desigualdades que esse grupo sofria (2021, p. 33).

No mesmo período que iniciou-se uma intensificação das festas que estavam mais presentes na rua para os espaços fechados, a cena preta LGBTQIAP+ por meio de festas iniciou seu movimento. Essas festas, ao serem realizadas no Centro de São Paulo, permitiu a produção de novas formas de viver no Centro e ampliou o circuito LGBTQIAP+ na região, pois se até o momento discutiu-se a região do Arouche, a mancha dos Jardins, a produção da Frei Caneca e a descida para o centro na Augusta, representado na invenção do Baixo Augusta e em uma transformação da região Roosevelt-República, com a cena preta LGBTQIAP+, além dessa regiões, o “Centro Velho” (que envolve a região da Sé) passou a constituir parte integrante do circuito.

A realização das festas foi um ponto de partida para o surgimento de outros encontros com diferentes formatos: diversão, debate política, produção artística e afins. Daí emergiu o que Ribeiro (2021) considerou como a “cena preta LGBTQIAP+”, espaços e relações de ativismo de sujeitos negros e LGBTQIAP+. Nessa nova cena, dois grandes coletivos foram chaves para a sua manutenção: Batekoo e Amem, não sendo os únicos atuantes⁶. O Batekoo surgiu em 2014, em Salvador, e em 2015 começou suas atividades em São Paulo que eram, sobretudo, as festas tecidas nas músicas e danças consideradas negras. O Amem foi formado por pessoas negras, LGBTQIAP+ sendo algumas portadoras do HIV. Suas atividades eram mais focadas na promoção de saúde da população negra.

Mesmo com a busca por uma cena preta LGBTQIAP+ ligada à classe, havia a participação de pessoas brancas e de classes médias e alta o que gerava conflitos e tensões, principalmente nas festas da Batekoo. Ribeiro (2021) relata que existia a queixa a respeito de pessoas brancas, “playboys e patricinhas” nos eventos e, também, reclamações com relação a realizações das festas em alguns bairros e com determinadas parcerias com o mercado. Uma das críticas era que as iniciativas dos coletivos estariam fugindo do foco e se “gourmetizando” ao se vender ao capitalismo (Ribeiro, 2021, p. 99). Diante disso e do

⁶ Uma das festas que Raquel Martins pesquisou, a “Sarrada no Brejo”, é considerada parte da cena preta LGBTQIAP+ por Ribeiro (2021).

exposto anteriormente, a cena preta LGBTQIAP+ que se caracterizou no centro de São Paulo possibilitou, conforme Ribeiro, (2021, p. 152), “novos lugares de enunciação em termos da articulação entre raça, gênero e sexualidade e apontando para diferentes processos de racialização e de materialização dos corpos.”. Embora buscasse se diferenciar da cena ligada ao Estado Neoliberal e ao mercado, também sofreu suas influências, revelando que o processo de captura de certas cenas e pautas pelo mercado tem se expandido em conjunto com os usos LGBTQIAP+ da cidade, no entanto, isso não significa que consigam capturar.

A Batalha da Dominação, realizada no Largo de São Bento, foi uma outra forma de produção de centro que está em processo na cidade. Lais Borges (2021) pesquisou esse movimento em seu mestrado. Os homens heressexuais e cisgêneros dominaram o cenário das batalhas de rima, suas narrativas como jovem, negro, pobre, periférico e heterossexual geravam essa valorização das narrativas cis-masculinas (Borges, 2021). Dessa forma, historicamente, os eventos e as batalhas de rima eram marcados pelas personagens cis-masculinos e organizados para eles. Esse fato não significa a ausência de mulheres na cena do hip-hop, mas significa quais pessoas apareciam, eram valorizadas, participavam e tinham acesso (Borges, 2021).

Criada em 2016, a Batalha da Dominação ocorre por meio de rimas feitas sobre determinada temática e, até o momento da pesquisa de Borges, era realizada semanalmente às segundas-feiras à noite — atualmente, a cada quinze dias — para MCs mulheres, pessoas trans não binárias e gênero dissidente. Os objetivos foram dois: criar um espaço seguro de expressão para essas pessoas e criar uma batalha de conhecimento, sem a intenção de insultar, pelo contrário, de contribuir. O ambiente visual é variado de corporeidades e performances, há pessoas altas, baixas, gordas, magras, brancas, pretas, indígenas, de cabelo liso, ondulado, raspado, trançado, roupas largas, e tênis, saltos e roupas mais justas, bonés, chapéus e entre muitas outras estéticas (2021, p. 75).

A maneira pela qual ocorre a Batalha promove uma dupla desterritorialização: de uma certa ordem do desejo e da prática heterossexual e cisgênero e das funções e padrões de divisões dos corpos nos espaços públicos. Pois colocam no centro da cidade de São Paulo corpos e táticas que fogem à norma transformando as formas de habitar a cidade, gerando novos contra-usos do centro. A cidade, como processo vivo, (Borges, 2021, p. 20) “é reinventada em sua materialidade e em sua dimensão simbólica, e denominadores e estigmas do corpo – como raça e gênero – chocam-se com a experiência sensível.”. Portanto, a Dominação é um novo marco no movimento hip-hop, no modo de vivenciar a cidade e o centro de São Paulo

que está dentro do processo de expansão das práticas urbanas LGBTQIAP+ que busca se diferenciar do processo ligado ao retorno da “centralidade” econômica para o Centro em conjunto com uma população mais branca e classe média e alta com alto capital cultural.

Diante disso, a fim de concluir, ressalto que o processo global de revalorização dos centros urbanos e que alcançou São Paulo nos últimos 15 anos, aproximadamente, tem gerado novos usos do espaço urbano pela população LGBTQIAP+ envolto a tensões, pois parte da população que passou a ocupar o Centro, principalmente na região da República e Santa Cecília, estão preenchendo os espaços transformados e em transformação ligados à “revalorização” do Centro. Em paralelo e, provavelmente, como alternativa a esse processo, a população LGBTQIAP+ mais periférica e com maior presença preta, não em sua totalidade, tem ocupado outros espaços do Centro até então com baixa presença e relevância para a população LGBTQIAP+ como o Largo do São Bento, o porão da Sanfran e outros espaços no conhecido “Centro Velho”.

Bibliografia:

Agier, Michel. Antropologia da cidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

Agier, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. MANA 21(3): 483-498, 2015.

ALCANTARA, Mauricio Fernandes de. "Hipsterização" no centro de São Paulo: consumo, trabalho e produção da cidade. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.8.2019.tde-09122019-180746. Acesso em: 2026-03-13.

Batalha Dominação: Ritmo, poesia e gêneros dissidentes no Largo São Bento - SP. 2021. Dissertação (Mestrado em CIÊNCIAS SOCIAIS) - Universidade Federal de São Paulo.

BRAGA, Gibran Teixeira. 'O fervo e a luta': políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi: 10.11606/T.8.2018.tde-01102018-115157. Acesso em: 2026-03-13.

CALDEIRA, Teresa. Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 2 Ed. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2003.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano, artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DE GIOVANI, Caio. Territorialidades “LGBTQIAP+” na cidade de São Paulo – uma análise têmporo-espacial (1900-2018). Trabalho de Graduação Individual, Geografia, USP, 2018.

FIX, Mariana. Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo. São Paulo: Boitempo, 2001.

FRANÇA, Isadora Lins. Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8.2006.tde-03092007-141155.

FRANÇA, Isadora Lins. Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e produção de subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. 301 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1611465.

FRÚGOLI JR, Heitor. Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Edusp, 2000.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Cidade para quais pessoas? Sobre as contradições da reforma do Vale do Anhangabaú . Tempo Social, São Paulo, Brasil, v. 34, n. 1, p. 153–174, 2022. DOI: [10.11606/0103-2070.ts.2022.190441](https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2022.190441). Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/190441>.

GUIMARÃES, Eros Sester Prado; CALIXTO, Maria Eugênia Perez. O que compra alguém no largo: Identidades e homossociabilidades no Largo do Arouche domingo à noite. In: Anais do Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, Salvador, 2012

HARVEY, David. A condição pós-moderna. 17 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

Leite, Rogerio Proença. Contra-usos E Espaço Público: Notas Sobre a Construção Social Dos Lugares Na Manguetown. 2002.

PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê: a prostituição viril. São Paulo: Brasiliense,

1987.

PUCCINELLI, B. Se essa rua fosse minha: sexualidade e apropriação do espaço na “rua gay” de São Paulo. Dissertação de mestrado. Guarulhos, Universidade Federal de São Paulo, 2013.

PUCCINELLI, Bruno. "Perfeito para você, no centro de São Paulo": mercado, conflitos urbanos e homossexualidades na produção da cidade. 2017. 1 recurso online (195 p.) Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1631860. Acesso em: 13 mar. 2026.

PUCCINELLI, Bruno; REIS, Ramon Pereira dos. Periferias móveis: (homo)sexualidades, mobilidades e produção de diferença na cidade de São Paulo. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 58, p. e205806, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664328>.

RIBEIRO, Bruno Nzinga. Afronta, vai, se movimenta!: uma etnografia da cena preta LGBTQIAP+ da cidade de São Paulo. 2021. 1 recurso online (165 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: 20.500.12733/1641188.

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins e MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. Cadernos Pagu, n. 35, p. 38-78, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n35/n35a3.pdf>.

TRINDADE, Ronaldo. De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil. São Paulo: Studio Nobel; Fapesp; Lincoln Institute, 2001

Zukin, Sharon. Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In: ARANTES, A. (org) O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000.
